

### Crónica sobre um concerto a que não assisti

Paulo Cunha

Tendo a Universidade do Algarve (UAlg) completado quarenta anos de existência, incluiu na programação das suas atividades a realização, no dia 7 de junho de 2019, do Concerto Comemorativo do 40º Aniversário da Universidade do Algarve. Contando com a participação da Orquestra Clássica do Sul e do estreante Coro da Orquestra Clássica do Sul, o Grande Auditório do Campus de Gambelas foi pequeno para o vasto público que, nesse dia, lá acorreu.

Para além do simbolismo da data que se pretendia festejar, a mesma iria constituir um marco histórico através da estreia pública de um novo coro sediado na capital algarvia. Sendo o mesmo composto por muitos algarvios que, em comum, têm o gosto pela música coral, muito naturalmente, tenho com alguns deles uma relação afetiva construída, cimentada e solidificada ao longo do tempo.

Logo que soube do evento, marquei-o na minha agenda como imperdível, para que a minha presença efetiva fosse mais um motivo de apoio e de alento para todos os elementos do novel coro. Sabendo que esta era uma estreia muito aguardada, devido ao facto de muitos dos coralistas integram coros da região, e os outros coralistas, por nunca terem cantado num coro, veriam nela a sua “prova de fogo”, cedo percebi que o concerto (gratuito) iria esgotar a lotação da sala. Bastava que, para além do público ligado à UAlg, lá fossem os familiares, amigos e colegas dos coralistas.

Mais do que a música, seria a atração pela novidade o principal tónico para que muitos farenses se deslocassem ao Grande Auditório do Campus de Gambelas. Também eu, antigo professor, diretor coral, colega e amigo de alguns coralistas, não quis deixar de lá estar para, através das palavras, poder aqui expressar o que vi, ouvi e fruí.

Quis o destino que, por motivos familiares, não tivesse podido sair de casa, pelo menos, uma meia-

hora antes da hora marcada. Ora não sendo eu uma individualidade com acesso garantido aos costumeiros convites, ou chegava a tempo da abertura da porta do auditório ou arriscava-me a não entrar. Bem dito, bem feito: quando lá cheguei, deparei-me com algumas pessoas paradas à entrada. Figuras que, tal como eu, tentavam que a diligente e intransigente porteira lhes facultasse a entrada para, assim, poderem juntar-se a uma parte do público que já ocupava um bocado da escada.

Educadamente, como é meu apanágio, solicitei à senhora com o poder de me deixar entrar (ou não!) que me permitisse entrar e assim sentar-me, partilhando com outros um bocado de chão. Perentória e sobranceira exerceu o seu pequeno/grande poder, negando-me a pretensão. Como não estou habituado a mendigar seja o que for, dei meia-volta e às 21h30, hora do início do concerto, já estava dentro do meu automóvel, preparado para regressar a casa. Não lhe critiquei a atitude, mas sim a forma como expressou a sua autoridade!

Como seria de esperar, no dia seguinte, muita gente, através de mensagens nas redes sociais e no telemóvel, quis saber qual foi a minha opinião sobre a sua participação no concerto, à qual, obviamente, respondi que não iria fazê-lo tomando apenas como base pequenos excertos de vídeo partilhados nas redes sociais.

Mais do que eles, coralistas e diretor coral, lamento não poder aqui ter escrito um artigo sobre um concerto que, por certo, constituiu um marco no seu percurso de vida e uma data histórica no panorama musical algarvio. Não tendo conseguido ouvi-los cantar, contaram-me, posteriormente, a alegria e a satisfação que sentiram ao cantar em grupo. Por eles, pela música e pelo Algarve fiquei feliz!